

Dr. Donald Fowler, Antecedentes do Antigo Testamento, Aula 1, Introdução e Geografia da Mesopotâmia Antiga

© 2024 Donal Fowler e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução e Geografia da Mesopotâmia Antiga.

Bom dia. Meu nome é Donald Fowler. Dou aulas na Liberty University em Lynchburg, Virgínia, e estamos fazendo o curso Contextos do Antigo Testamento. Há muitos anos, quando eu era um jovem seminarista, participei de uma aula no Seminário Teológico Grace ministrada por um homem que viria a ser meu professor, amigo e colega, Dr. Herb Bess.

Fiz este curso, não tinha a menor ideia do que se tratava, mas fui quase imediatamente capturado pelo material. Era tão novo e tão informativo que fiquei fascinado desde o início. Então, lembro que minha resposta ao curso no final foi que foi absolutamente maravilhoso.

O que é que foi isso? Bem, eu estava rindo porque era maravilhoso, mas não entendia muito do que estava acontecendo porque não havia anotações de aula e não havia uma organização real. E então, tudo que me lembro é que tudo o que foi dito foi simplesmente fascinante, mas foi desorganizado. Bem, alguns anos depois disso, fui convidado a ingressar no corpo docente.

É muito engraçado para alguém como eu, mas a primeira coisa que me lembro sobre minha posição no corpo docente foi quando meu querido amigo e colega me disse: você poderia fazer anotações para esta aula? Porque ele sabia que precisava ser organizado. Então, estamos seguindo essa organização nas minhas anotações de aula, que são chamadas de Contextos do Antigo Testamento. É um conceito que existe com base no fato de que você realmente não consegue entender muito bem a mensagem bíblica a menos que entenda o ambiente em que ela foi escrita.

De alguma forma, temos esta perspectiva sobre a Bíblia que qualquer criança pode ler e compreender. Bem, é claro que há um sentido em que isso é verdade, mas há outro sentido forte em que não é verdade, porque o fato é que há muita coisa acontecendo na Bíblia que não pode ser entendida a menos que efetivamente entremos em seu mundo. Isso me leva a procurar uma metáfora ou analogia que eu possa usar para apresentar o conteúdo desta aula a vocês.

Se eu pegasse a Constituição dos Estados Unidos, vamos fingir, a título de exemplo, que eu não sabia nada sobre a história mundial; literalmente, tudo que fiz foi encontrar um manuscrito antigo chamado Constituição dos Estados Unidos. Eu poderia ler isso. Acho que consegui entender uma porcentagem bastante alta, mas certamente não conseguiria entendê-lo de maneira ideal, a menos que entendesse por que o documento estava ali.

Eu precisaria saber coisas como os primeiros americanos que vieram da Europa para cá. Precisaria de conhecer a história europeia para poder compreender que a história europeia produziu o documento a que chamamos Constituição dos Estados Unidos porque os acontecimentos políticos e religiosos estiveram por detrás da sua formação. Pude entender melhor as diversas coisas que estavam na Constituição.

Então, o que quero dizer é que se eu não entender o contexto de um documento, ficarei limitado na minha compreensão do documento. Então é isso que este curso está tentando alcançar. Tenta ajudar as pessoas a compreender o contexto das escrituras, particularmente do Antigo Testamento, já que podemos dizer algumas coisas sobre o Novo Testamento, mas não muito.

Então, estamos começando esta aula falando sobre os antecedentes do Antigo Testamento. É fascinante quando você começa a iluminar as nuances da história no texto do Antigo Testamento, como isso muda a mensagem, como coloca as coisas em foco e como torna o conteúdo ou como torna o significado muito mais claro, muitas vezes. muito mais emocionante. Então, nosso objetivo é fazer isso.

Então, enquanto nos preparamos para começar, deixe-me fazer algumas observações. O termo planos de fundo é um pouco escorregadio. O curso não é um curso sobre a história do antigo Oriente Próximo.

Tudo o que faremos é fornecer um esboço da história do antigo Oriente Próximo, para que você possa ver o fluxo da história em que inserimos os capítulos do Antigo Testamento. Israel era um país pequeno, a 160 quilômetros de norte a sul, rodeado por vizinhos muito poderosos. Assim como você não iria às Américas, à América do Sul, à América Central ou à América do Norte e tentaria escrever uma história das Américas a partir da perspectiva da Nicarágua ou de Honduras, você também não iria querer tentar abordar o história deste período do ponto de vista de Israel, porque Israel era um ator muito pequeno, com a rara exceção do período de Davi e Salomão.

Portanto, precisamos compreender o fluxo da história do antigo Oriente Próximo para que possamos inserir os vários segmentos históricos que compõem o Antigo Testamento. Portanto, não é um curso de história do antigo Oriente Próximo. Nos meus primeiros anos como professor, lecionei em uma faculdade onde dei uma aula chamada História do Antigo Oriente Próximo.

Lá fizemos uma história do antigo Oriente Próximo, não dos antecedentes do Antigo Testamento. Fundos do Antigo Testamento é um curso único. Ele tem sido associado a mim em meu ministério há 40 anos porque eu o ensino de uma forma que talvez seja exclusiva do meu uso dos materiais.

Não estou interessado em tentar mostrar todos os antecedentes possíveis. O que estou interessado em fazer é mostrar aos meus alunos como materiais de apoio importantes podem mudar a compreensão do texto de maneiras realmente dramáticas. Não podemos mostrar-lhe todos os antecedentes do mundo antigo à medida que nos aproximamos do texto bíblico.

Simplesmente não é possível. O que faremos é nos envolvermos seletivamente com os principais antecedentes, o que acredito que vocês verão realmente mudar nossa compreensão do texto do Antigo Testamento. Então, estamos na era de ouro dos estudos de base.

Estou com 40 anos de ensino agora, comecei pronto para começar. E quando comecei, posso dizer que não havia praticamente nada em todo esse campo de formação. Agora temos um comentário completo sobre o Antigo Testamento à luz dos antecedentes publicados pela Zondervan Press.

Na verdade, temos uma Bíblia de estudo agora publicada pela Zondervan Press chamada Backgrounds Study Bible. Também temos Backgrounds to New Testament, publicado pela Zondervan e editado por Craig Keener. Temos vários outros conjuntos de comentários ou volumes que chamam a nossa atenção como a nossa compreensão do texto bíblico muda quando conhecemos a nossa formação.

É uma época de ouro. No entanto, parece que estamos destinados a sofrer este destino desconcertante. Quanto mais informações temos, mais perguntas são geradas, e uma delas é a resposta à pergunta: o que torna um pano de fundo um pano de fundo? Simplesmente não há resposta para essa pergunta com a qual todos concordem.

A formação de uma pessoa é o mito de outra. Então, não vamos encontrar todos os antecedentes que pudermos, mas o que vamos fazer é apenas selecionar seletivamente tantas coisas importantes quanto pudermos em uma aula, a fim de lançar luz sobre essa questão dos antecedentes. Deixe-me dizer algo mais sobre isso.

Tenho idade suficiente para me lembrar de um ditado, mas não sei se ele já existia muito antes de eu existir. É assim: o rabo não abana o cachorro. Em outras palavras, o cachorro é a criatura, não o rabo.

Acho que o mesmo acontece com a Bíblia. A Bíblia, se você permitir a metáfora, é a criatura. É o cachorro.

É o animal. O fundo é a cauda. É tão fácil distorcer as coisas e os cenários podem ganhar vida própria.

E, francamente, isso acontece mais do que eu gostaria. Queremos evitar isso. É fácil transformar o contexto no assunto em vez do texto bíblico.

Então, queremos evitar isso se pudermos e voltar nossa atenção para fundos que ajudam a colorir o texto. É difícil de fazer, acredite em mim. Há muita discordância sobre a questão de como usar planos de fundo.

Então, é apenas uma das controvérsias que nos atormentam hoje. Como você realmente usa planos de fundo? O que é um plano de fundo? Para algumas pessoas, as origens são como as dos pobres. Eles estão por toda parte.

Portanto, queremos evitar o problema sobre o que Samuel Sandmel escreveu no *Journal of Biblical Literature*, talvez há 60 anos. Ele escreveu um artigo sobre paralelomania. Houve um período na década de 1920 em que os estudiosos americanos começaram a procurar semelhanças entre o mundo bíblico e a Bíblia.

Essa busca ganhou vida própria, a tal ponto que foram criados cenários que não existiam realmente. Falaremos sobre isso quando chegarmos aos materiais do Newsy aqui mais tarde. Portanto, um dos problemas que temos é que literalmente não existe nenhuma rubrica acadêmica com a qual as pessoas possam concordar quando começamos a dizer que isso é um pano de fundo.

Então, isso é uma coisa muito personalizada. É minha compreensão do que são os materiais do Antigo Oriente Próximo à medida que colorem o texto. E espero que você goste comigo.

Se você não concorda comigo em tudo, tudo bem. A verdade é que, ao longo de 40 anos de ensino, mudei de ideias tantas vezes que me sinto o equivalente a um camaleão. Então, se você não concorda comigo, isso talvez seja uma coisa presente e mais tarde a sua visão mudará.

Quando olhamos para o texto bíblico, o texto bíblico sofre daquilo que meu professor, Dr. Best, chamou de problema da transferência vertical. Agora, este gráfico, que espero que você possa ver, é um gráfico que possui duas partes componentes. Aquele está assinado como uma luneta, um tubo.

E tente fingir que estamos olhando através daquela luneta para as páginas do Antigo Testamento, ou é o mundo em que o Apocalipse foi dado. Agora, não estamos olhando para um telescópio, mas para um tubo. E o problema com a visão tubular é que você só consegue ver uma parte muito pequena.

Você pode ver que o cursor destacou isso. Você só pode ver uma pequena parte do Mundo Antigo. Então, aqui neste gráfico, o topo do tubo representa o que as pessoas modernas sabem sobre o mundo do Antigo Testamento.

E como você pode ver, projetado em um círculo muito mais amplo, não sabemos muito sobre o mundo do Antigo Testamento. E por causa disso, sofremos com o que meu professor, que provavelmente aprendeu isso em outro lugar, chamou de problema da transferência vertical. Para colocar no vernáculo, visão de túnel.

Isto é o que fazemos com o Antigo Testamento. E isto é particularmente verdade, penso eu, para nós que somos do Ocidente. Porque no Ocidente é como se pensássemos que a nova Jerusalém é Washington, DC. Todas as coisas devem ser entendidas a partir do prisma da América do Norte.

Bem, o que estamos tentando salientar é que, na medida em que projetamos o nosso mundo no mundo da Bíblia, estamos criando uma aparência tubular que distorce a imagem do Mundo Antigo. Então isso é parte do problema. Ocidentalismo moderno, que projetamos nas páginas do Antigo Testamento.

E se eu pudesse dizer algo que espero não deixe ninguém muito preocupado, já que estamos apenas começando. Parte deste problema tubular é que, uma vez que todos conhecemos a mensagem do Novo Testamento, é muito fácil projectá-la naquele mundo azul que estamos a ver no gráfico. Portanto, o que eu gostaria de salientar é que, assim como o Novo Testamento precisa ser entendido primeiro em seu mundo, a mensagem do Antigo Testamento é a mesma.

Devemos compreender melhor o mundo do Antigo Testamento. Agora, esta é uma jornada ameaçadora que estamos fazendo porque, amigos, nunca chegaremos lá. Nunca entenderemos, se você permitir, o mundo do Antigo Testamento.

É muito grande. Ele continua mudando à medida que encontramos novo material. Então, o que eu pensava saber há 40 anos mudou muito pelo que aprendi nestes últimos 40 anos, junto com todos os outros.

É um domínio cognitivo em constante mudança. Nunca chegaremos lá, mas cara, eu adoraria se pudesse contagiar vocês com o entusiasmo que fui contagiado pelo meu professor. Mesmo que nunca cheguemos lá, espero que você se divirta enquanto viajamos juntos.

Você está aprendendo constantemente e sempre há material novo. Portanto, este é um dos grandes problemas que enfrentamos ao olharmos para o Antigo Testamento. Eu poderia falar sobre isso literalmente por horas.

É melhor eu seguir em frente. À medida que Deus pronunciou as palavras do Antigo Testamento, ou, na verdade, do Novo Testamento, ele inspirou os humanos a escrever. Esta é uma das outras teses que precisamos considerar.

A primeira das teses era que precisamos compreender o mundo do Antigo Testamento. A segunda tese é que precisamos entender que Deus usou pessoas reais no mundo real com conhecimento real para escrever esses livros que são divinamente inspirados. Então, eu chamo isso de obra inspiradora de Deus.

Como você pode ver, a linha de revelação vem de Deus, que é, claro, de alguma forma importante, o autor de cada palavra. E, no entanto, ele usou milagrosamente seres humanos comuns de maneiras sobrenaturais para que pessoas pecadoras comuns pudessem escrever palavras que eram divinamente inerrantes. Então, essa linha de revelação passa por pessoas reais, seres humanos, homens, talvez algumas mulheres, não temos certeza.

Mas o que isso significa é uma implicação de que cada autor da Bíblia é uma pessoa representada pela cultura da época e pela educação dessa pessoa. Vamos ilustrar com um exemplo que conhecemos. Há muita controvérsia sobre quem escreveu a Epístola aos Hebreus.

Não há tanta controvérsia sobre quem escreveu as epístolas joaninas. Quem escreveu a epístola aos Hebreus teve uma educação melhor do que quem escreveu João. Bem, achamos que sabemos quem escreveu as epístolas de João. A questão é que o grego na epístola aos Hebreus é um grego magnífico e altamente letrado, enquanto as epístolas de João são lidas de forma muito simples.

Então, é importante percebermos que assim como precisamos conhecer o mundo do Antigo Testamento, na medida em que possamos recuperá-lo, precisamos conhecer a cultura, os pressupostos, a educação, o conhecimento, o conhecimento religioso, a história do mundo daquele antigo autor. Na medida em que pudermos reproduzir o autor antigo, também poderemos ajudar a colorir o preto e branco de um texto bíblico que não está enraizado no mundo antigo. O resultado final, espero que você concorde, é um livro inspirado.

Mas o livro inspirado é um trabalho inspirador que começa no mundo real. Um mundo real, o mundo do antigo Oriente Próximo, pessoas reais, as pessoas reais que escreveram os livros da Bíblia, tudo isso significa que precisamos conhecer os antecedentes. Agora, perdoe-me se estou tomando café às suas custas; são oito da manhã e aqui vou terminar esta xícara de café; talvez me ajude a pensar com mais clareza.

Então, é aqui que começamos com nossas reflexões sobre o que o título do nosso curso indica. Minha metodologia seria amplamente rejeitada por alguns porque

estou aqui para mostrar como o mundo do Antigo Testamento pode colorir a mensagem do Antigo Testamento. Não vamos olhar para esse mundo de uma forma totalmente coerente e reconhecemos isso até certo ponto. Proporei a você o que considero serem antecedentes, e você poderá então avançar em seu próprio estudo para determinar se esses antecedentes são legítimos ou não.

Uma das maneiras pelas quais podemos começar é nos lembrarmos de que o que estamos fazendo é olhar para um curso que é principalmente um curso de história, e vou apenas dar um palpite. Direi que metade do material é histórico, metade do material é teológico. Mas no momento em que você usa a palavra história no mundo de hoje, que tem tanta bagagem, metade do meu público ficaria surpreso no minuto em que eu usasse a palavra história.

Eu sei que isso é verdade porque metade dos meus alunos ficam surpresos quando uso a palavra história. Me deparei com esta citação de um autor, Sebastian Hafner, em *The Meaning of Hitler*. Ele escreveu isso sobre Hitler e sua época.

A história, e este é o segundo erro em tais declarações ditatoriais, não consiste apenas em lutar. Tanto as nações como as classes viveram durante períodos muito mais longos em paz umas com as outras do que em guerra, e os meios pelos quais alcançaram esta paz são pelo menos tão interessantes e dignos de investigação histórica como o são os factores que, de tempos em tempos, levam -los em confrontos bélicos. Bem, o que o comentário de Hafner nos lembra é que, assim como não se pode estudar a Segunda Guerra Mundial sem os antecedentes dela, em outras palavras, como Adolf Hitler se tornou a pessoa que era? Ainda estamos lutando para entender por que ele odiava tanto o povo judeu. Já li três biografias de Joseph Stalin.

Eles são tão esclarecedores ao explicar por que Stalin assassinou dezenas de milhões de pessoas. Você precisa abordar a história de uma forma mais ampla do que apenas falar sobre batalhas importantes, ou pior ainda, no nível do ensino médio, onde a história muitas vezes pode ser ensinada estritamente da perspectiva de datas e datas que precisam ser memorizadas e nomes, e tudo isso apenas fica confuso. Assim, num clima anti-histórico, que é, temo, a actual geração do existencialismo, parece-me que estamos numa cultura que está preocupada com o seu próprio umbigo.

Presumimos que o que Deus fez no passado é tão importante quanto o que Deus está fazendo no presente. Então, o passado é na verdade um estudo do que Deus está fazendo no presente. Então, num clima anti-histórico, que valor tem então o estudo da história? Bem, acontece que gosto de ler história, então toda e qualquer história é interessante para mim.

Mas quando lemos a Bíblia, a história não é apenas um registo de batalhas e acontecimentos. É um registo da intervenção divina na narrativa humana. Acredito

que isso seja sagrado, porque Deus não apenas interveio na narrativa humana, mas também moveu a narrativa humana em direção a um objetivo.

E acredito que Deus também está intervindo na narrativa humana hoje, e você e eu, se somos cristãos nascidos de novo, fazemos parte do movimento dos eventos humanos em direção ao clímax que Deus estabeleceu para os seres humanos. Então, qual é o valor do valor da história? Bem, é o valor do nosso lugar na grande narrativa. Acredito firmemente, se me permitem, acredito apaixonadamente que a história do Antigo Testamento é a nossa história, assim como a história dos Estados Unidos da América é a nossa história.

Assim como a história da Virgínia é a minha história como nativo da Virgínia agora, tudo isso tem uma qualidade pessoal, e a história é e deve ser profundamente pessoal. Mas deve estar ancorado na realidade de que Deus intervém, e é seu desejo atuar na narrativa humana. Então, nosso curso é principalmente história, mas há outros fatores importantes, e vou falar esta manhã sobre o fator geografia.

Há um jogo que costumava ser popular. Acho que não é mais tocado tanto, mas se chamava Trivial Pursuit. Você já ouviu falar daquele jogo, Trivial Pursuit? Gosto muito do jogo, porque gosto do que algumas pessoas acham que é trivialidade.

Passei a acreditar, se me permitem um pouco de brincadeira, que Trivial Pursuit, jogado por uma geração moderna, é um jogo que nunca terminará porque ninguém jamais responderá às questões geográficas. Parecemos ser uma cultura totalmente desinteressada em geografia, cultura e economia e, no entanto, a citação de Hafner que mencionei acima leva-nos à necessidade inevitável de saber como a geografia desempenha um papel tremendamente importante na forma como a história bíblica é apresentada. Se não conhecermos a geografia do mundo da Bíblia, isso limitará a nossa capacidade de compreender a Bíblia.

Igualmente importante é tentar aprender o máximo que pudermos sobre a cultura enquanto fazemos esta aula juntos. Você sabe, quando um leitor moderno começa a ler a Lei de Moisés, ele ou ela pode facilmente ficar realmente perturbado, porque existem todos os tipos de leis sobre a escravidão, por exemplo. Existem todos os tipos de leis sobre sexualidade que são aparentemente bizarras.

E assim, tiramos conclusões, creio que prematuramente, sobre se gostamos ou não gostamos dessas leis. Mas amigos, vocês têm que entender a cultura do mundo em que Deus deu sua revelação para saber como pensar de forma coerente através dessas leis. Precisamos conhecer geografia, precisamos conhecer cultura, precisamos conhecer religião.

Não apenas a religião da Bíblia, mas a religião dos seus vizinhos. Veja, o problema é que quando você lê os profetas, eles presumem que você conhece as tradições religiosas competitivas. Eles presumem que você conhece a teologia de Baal.

Eles presumem que você entende o pensamento religioso cananeu. Quando atacam esses sistemas concorrentes, presumem que sabemos disso. Bem, agora temos a capacidade de falar sobre isso de forma coerente, mas ainda vivemos num mundo onde há muito pouco conhecimento sobre as crenças religiosas dos vizinhos dos israelitas.

Depois, claro, há uma das minhas favoritas, mas as áreas sobre as quais penso ter menos conhecimento são a área da economia. A economia desempenha um papel enorme no registro bíblico, mas sabemos muito pouco sobre ela. Assim como precisamos saber esse tipo de coisas para compreender o mundo em que vivemos, também precisamos entendê-las para compreender a mensagem da Bíblia.

Mencionei-lhe um volume importante; na verdade, é um conjunto de vários volumes de Jack Sassen, o excelente estudioso judeu. São Civilizações do Antigo Oriente Próximo. Esta é provavelmente a maior concentração de material sobre estudos antigos da Eurásia que conheço.

Foi republicado pela Hendrickson Press. Para aqueles de vocês que decidem que são como eu, que estão cativados por esse assunto e querem começar a adicionar coisas à sua biblioteca, isso seria algo importante a ser adicionado. É um livro fantástico e um repositório maravilhoso que explica detalhadamente muitas dessas áreas temáticas e muitas outras além delas.

Algumas qualificações introdutórias que tratamos ao olharmos os gráficos já foram o problema da transferência vertical. Posso dizer-lhes, amigos, que esse problema da transferência vertical é tão difundido que vocês pensarão que estou exagerando, mas estou lhes dizendo a verdade. O problema da transferência vertical é tão difundido que até hoje, quase sempre que abro a Bíblia, sigo uma rotina.

Eu me paro. Antes de ler uma palavra, paro, depois faço uma pausa e digo ao meu Senhor, você sabe, provavelmente não entendi esta passagem corretamente. Bem, essa é a jornada humilhante para evitar o problema da transferência, porque se penso que sei, provavelmente estou impondo ao texto um significado que pode ou não estar lá.

Portanto, a transferência vertical é um problema tremendo, e surge em parte porque lemos a Bíblia como se Deus a tivesse escrito pessoalmente para nós. Temos que descobrir qual era o significado para as pessoas para quem ele escreveu. Isso nos permitirá compreender corretamente o que isso significa para nós hoje.

Então, tudo isso é apenas material introdutório ao que espero que você goste, sendo a experiência mais fascinante que já teve. Agora, este é o Antigo Testamento, é claro, então você pode se surpreender quando eu fizer a pergunta: por onde começamos? Pensaríamos que começaríamos com Gênesis 1, mas na verdade, se olharmos para os antecedentes, estamos tentando abordá-los da perspectiva da evidência, e todo o mundo de Gênesis 1 a 11 é um mundo que pereceu. É um mundo que não é reproduzível artificialmente.

Assim, embora possamos estudar Gênesis 1 e 2 como um texto teológico, é impossível estudá-lo como um texto histórico. Ok, deixe-me fazer uma pausa antes de ter problemas com meu público. Tenho a convicção teológica de que Gênesis 1 e 2 são material histórico.

Há muita controvérsia hoje sobre como entender Gênesis 1 e 2. Acho que descreve como Deus criou os céus e a terra, mas não é história no sentido de que não posso recuperá-la historicamente. Não sabemos exatamente há quantos anos Gênesis 1 teria ocorrido, e não sabemos nada sobre esse mundo no sentido de que sabemos que se o dilúvio de Gênesis foi global, como penso que foi, então esse mundo será destruído. Então, realmente não vamos começar com Gênesis 1 e 2, mas isso nos levaria a fazer a pergunta: e quanto ao mundo imediatamente pós-diluviano? Porque, afinal, se começássemos com o dilúvio, teríamos que partir do pressuposto de que tudo no mundo foi destruído.

Até a topografia da Terra teria sido alterada. Por exemplo, sabemos de Gênesis 1 a 2 que o texto nos diz que havia quatro rios no Jardim do Éden, e conhecemos os dois, o Tigre e o Eufrates, mas os outros dois não conhecemos. Talvez a enchente tenha mudado a topografia e esses rios não existam mais.

Então, se não estamos começando com o dilúvio, então nos perguntaríamos: e o mundo imediatamente pós-dilúvio? Bem, mais uma vez, veja, há uma enorme controvérsia sobre datar coisas artificialmente, e eu não sou um cientista. Antes de me tornar cristão no ensino médio, eu queria ser professor de biologia. Quando me tornei cristão, e já tinha feito cursos de biologia suficientes, quando me tornei cristão, apenas três meses antes da formatura, fui para uma faculdade bíblica, e você pode imaginar meu choque quando fiz um curso de biologia, e eu literalmente sabia mais biologia do que meu professor.

Bem, obviamente, depois do liceu, não aprendi muito biologia, por isso sei muito pouco de ciências, e por isso a resposta à pergunta sobre datas é em grande parte uma questão científica, e isso é algo que não consigo responder. Mas o que posso dizer é que é praticamente impossível chegar a uma data para o dilúvio simplesmente porque, durante um número indeterminado de anos, as culturas que se seguiram ao dilúvio foram totalmente agrícolas. Não havia cidades.

Se não existissem cidades, então faltariam muitas das coisas em que confiamos para recriar a história. Se houve escrita, não sabemos de nada disso. Portanto, o problema é que, nos séculos que se seguiram ao dilúvio, fomos incapazes de extrair o tipo de evidência artefactual que nos permite escrever a história.

Para que a história seja escrita de uma forma que ajude a explicar a Bíblia, precisamos de literatura. A literatura é a chave que abre a história. Se tudo o que temos são artefatos, então estamos um tanto limitados no que podemos obter.

Portanto, no meu comentário aqui, mencionei que não podemos recuperar as realidades históricas da inundação. Podemos apenas acreditar na mensagem bíblica de que isso ocorreu. Houve um período em que Sir Leonard Woolley pensou ter encontrado evidências do dilúvio bíblico em Ur, e Ur é uma grande cidade no sul da Mesopotâmia.

E houve uma grande inundação que atingiu Ur, e ele encontrou depósitos aluviais enquanto escavava os restos de Ur com três metros de profundidade. Ele datou esse dilúvio como sendo por volta de 3.500 a.C., e depois identificou isso com o relato do dilúvio em Gênesis. Em outras palavras, ele encontrou o que pensava ser uma inundação local.

Bem, agora sabemos que ele encontrou evidências de um grande dilúvio, mas não encontrou evidências do dilúvio bíblico. Essa inundação, acredito, teria sido geológica. E assim, com isso em mente, eu concluiria que embora estudar o texto bíblico sobre o dilúvio seja um exercício importante, se quisermos inseri-lo numa linha do tempo histórica, faltam informações que nos permitam fazer isso.

Então, se não começarmos com uma inundação, pergunto: e quanto a outras características, como evidências de artefatos, estratigrafia e datação por radiocarbono? Mais uma vez, peço-lhe que lhe explique que não sou um cientista. Não consigo interagir com os fenômenos do radiocarbono-14. Mas mesmo que o radiocarbono-14 tivesse total unanimidade acadêmica na sua compreensão, não nos permitiria criar uma história que pudesse colorir o texto que estamos a ler.

E o que procuramos é o mundo do texto tal como ele explica o texto, e isso estaria em grande parte ausente. Assim, à medida que avançamos nestes primeiros passos de antecedentes, estamos olhando para um mundo no qual conhecemos sem qualquer sombra de dúvida, e é uma imagem que é fornecida por Gênesis, que após o dilúvio, quando Noé e sua família saiu da arca, eles fizeram o que as pessoas fazem em todo o mundo. Eles cultivavam.

Eles tinham uma fazenda para comer. E sabemos que seriam necessários séculos para que a população humana se reproduzisse ao ponto de as pessoas começarem a urbanizar-se. Sabemos pelo material que antes existiam grandes centros urbanos.

Sabemos que havia pequenas aldeias. Mas saber quanto tempo durou o período das pequenas aldeias é uma questão controversa. Portanto, as datas variam de 10.000 a.C. em diante.

Então, o que podemos dizer é que existiam assentamentos urbanos no período pré-alfabetizado. E assim pré-alfabetizado significa antes da invenção da escrita. Sabemos aproximadamente, para dar uma data aproximada, que as primeiras formas de escrita teriam começado por volta de 3.000 aC, talvez 3.200 aC.

E então foram necessários séculos para desenvolver a tecnologia para escrever. Não quer dizer que Noah não pudesse ter escrito. Simplesmente não sabemos o que Noah poderia ter feito.

Então, o cenário é que a partir de 9.000 a.C. o clima na Mesopotâmia começou a mudar. E então isso resultou no desenvolvimento inicial de aldeias em todo o Crescente Fértil. Agora, preciso lhe dar uma imagem da palavra Crescente Fértil porque presumimos que você conheça essa palavra.

Então, vou mostrar como é o Crescente Fértil. Esta área que estamos vendo é um mapa do que é chamado de Oriente Médio ou Antigo Oriente Próximo. É a mesma coisa, dependendo apenas do período de tempo em que estamos avaliando, no Médio Oriente ou no Próximo Oriente.

Mas como você pode ver, existe, se seus olhos perceberem a cor, existe uma meia-lua verde que corre ao longo da costa do Mediterrâneo, vai para o norte e depois vira para o sul. E se você notar, você pode ver que no meio temos uma seção que é marrom. Agora, o que isto está fazendo por nós é mostrar o que as pessoas chamam de Crescente Fértil.

É verde porque é fértil. Isso quer dizer que há água suficiente para permitir o cultivo. Mas no centro da meia-lua ou Crescente Fértil, como você pode ver claramente, é marrom, o que indica que é seco e que apenas formas raras de vida podem viver lá porque é muito inóspito.

Então aquela área verde, o Crescente Fértil, compreende a área moderna de, se eu puder caminhar para o norte assim, este é o Sinai. Se você consegue ver meu cursor, esta pequena área aqui é Israel. O norte de Israel é o que chamamos de Líbano. Ao norte do Líbano fica a Síria.

Hoje, uma das histórias humanas mais tristes do planeta é a história da Síria. Depois vamos para leste da Síria e chegamos ao atual Iraque. O Iraque estende-se até ao Golfo Pérsico.

Então, a lista de nações que acabei de dar é o Crescente Fértil. A área intermediária, a área do Deserto da Arábia, tem muito pouca vida humana. Então, essa área é o que chamamos de Crescente Fértil.

E o que sabemos é que o clima começou a mudar, o que levou ao desenvolvimento de aldeias nesta região. Mais uma vez, não sou especialista neste material muito antigo, mas posso dizer-vos que pensamos que houve uma lenta secagem do clima. E sabemos pelo estudo dos materiais que em toda essa região tem se movimentado na velocidade de uma geleira, muito lenta, tem havido um ressecamento de toda essa região.

Toda a região do Norte de África, o Médio Oriente, tem vindo a secar lentamente durante 30 anos. Milhares de anos. Sabemos disso porque bem no meio do deserto do Saara encontramos exemplos onde ainda existem crocodilos vivendo em poços de água.

No deserto do Saara, pessoas e arqueólogos encontram restos de hipopótamos e outros animais que tinham água abundante para poder viver. Então, houve um esgotamento geral, e acho que foi isso que levou, voltando ao nosso gráfico, acho que foi isso que os levou a esse desenvolvimento de aldeias porque os humanos estavam se organizando nas proximidades dos dois rios . Agora, não sei até que ponto você consegue ver este gráfico, mas posso dizer que, neste mapa, há um rio no lado oeste chamado Eufrates e um rio no lado leste chamado Tigre.

E o que sabemos é que quando estas aldeias começaram a desenvolver-se, desenvolveram-se naturalmente nas proximidades dos rios porque tinham água. Portanto, esta é a mudança que traz o desenvolvimento das aldeias, e as aldeias, claro, levariam, em última análise, à urbanização. Então, este período de aldeia durou milhares de anos, o que, claro, faz sentido.

Demorou milênios para desenvolver a tecnologia necessária para desenvolver verdadeiros centros urbanos. Então, esse período de aldeia é muito anterior a Gênesis 12. Quando Abraão aparece no final do capítulo 11 de Gênesis e no início do capítulo 12, sabemos que se trata, se a fórmula inicial para chegar a uma data para ele estiver correta , isso foi por volta de 2.100 AC.

Bem, como você pode ver claramente, se as datas atribuídas pelo radiocarbono 14 para essas aldeias estiverem corretas, elas começam por volta de 9.000 aC e depois continuam até talvez 5.000, 4.000 a.C., quando as cidades começam a se desenvolver. Entre os primeiros deles está Jarmu, no sopé dos Zagros. Então, o radiocarbono data isso já em 6750.

Tudo isso está bem antes de onde queremos voltar nossa atenção na aula. Então, se eu puder, chamarei sua atenção para um pequeno ponto confuso. Se fôssemos para

o país de Israel, teríamos uma cidade no Vale do Jordão, ou como é mais comumente chamada de Fenda do Jordão, chamada Jericó.

O Radiocarbono 14 data aquela cidade em 7.000. Parecia ter a primeira parede, que tinha aproximadamente 3,6 metros de altura e 1,5 metro de espessura. Ele também tinha uma torre redonda com ameias com cerca de 27 pés de altura.

Então, como você pode ver, se o radiocarbono 14 estiver correto, isso nos leva a reconhecer que as primeiras aldeias começaram na Mesopotâmia mais ou menos na mesma época em que Jericó começou, no que chamamos de Israel. Assim, por outras palavras, por volta de 7.000 e 6.000 a.C., os seres humanos conseguiram espalhar-se simultaneamente pelo que chamaríamos de Crescente Fértil. Então, você notará, entretanto, que pelo menos essas primeiras cidades seriam cidades ao longo dos rios.

Jericó fica às margens do rio. Então, esse foi um fator importante para o desenvolvimento dessas cidades. Então, com isso, acho que o que eu gostaria de fazer é ir além das minhas anotações e pedir que vocês observem comigo a topografia do Oriente Médio.

Então, estamos olhando para isso nas notas de aula às quais todos vocês têm acesso. E o que vamos fazer é passar de cima para baixo e como vocês podem ver claramente, esta área no topo seria o que chamaríamos de Ocidente. E esse é o Mar Mediterrâneo.

Todos vocês conseguem identificar onde existe o Mar Mediterrâneo? Iremos do oeste para o leste em terreno horizontal. Então, temos a planície costeira, que tem vários nomes. Essa planície costeira tem de alguns quilômetros a 32 quilômetros de largura.

E então chegamos a esta cordilheira central que na verdade percorre todo o caminho; se vocês puderem seguir o cursor e seguirmos para o norte, todos vocês podem seguir esta cordilheira que se estende ao longo da costa da Síria, da Palestina até a atual Turquia? Tudo bem. Pelo menos isso é chamado de Montanhas Centrais em Israel. E assim, como você pode ver, esta cordilheira se estende até o norte.

Se você seguir meu cursor, voltando para o sul, verá que imediatamente a leste da cordilheira há um vale. Este vale é fértil e tem nomes diferentes dependendo do país em que estamos. Este vale no registro bíblico é chamado de Fenda do Jordão.

Então, tente pensar nisso um pouco como a Califórnia. Você sabe, na Califórnia você tem uma planície costeira. Quando você vem de oeste para leste, você tem uma planície costeira.

Às vezes é muito estreito. Às vezes nem está lá, como na região do Big Sur. Mas então, quando você vem para o leste, você se depara com uma cordilheira.

Mas aí, quando você chega ao leste da cordilheira, por exemplo, você tem um vale, o Vale de San Joaquin. E quanto mais para leste você vai, mais seco fica. Essa topografia é muito semelhante à de Israel.

Assim, por exemplo, esta área do rift é muito fértil e é regada pelo rio Jordão. E então, vamos passar algum tempo hoje trabalhando com esse conceito de geografia de todo esse mapa. Mas então, quando vamos mais para leste, chegamos a outra cadeia de montanhas.

E estas são chamadas em Israel de Montanhas da Transjordânia. São as montanhas da Jordânia e da Síria. Então, as montanhas da Transjordânia correm de norte a sul num paralelo com a cordilheira central aqui.

Como você pode ver, temos aqui um grande planalto de terras decididamente inférteis. Se você me permitir, clicarei novamente no meu documento do Word para mostrar que este é o Grande Deserto da Arábia. O Deserto da Arábia é em grande parte o resultado de dois fenômenos.

Em toda esta região, quanto mais para sul se vai, mais seco fica, onde quer que se esteja, quer seja no Norte de África, quer seja em Israel, quer seja no Iraque. Quanto mais ao sul você vai, mais seco fica. Então esse é um dos dois fatores que explicam por que está seco, apenas por causa da forma como os ventos fluem.

Mas a segunda razão é que esta cordilheira aqui é tanto a região montanhosa central quanto as montanhas da Transjordânia; como os ventos sempre prevalecem de oeste para leste, então a umidade que está nesses ventos, quando atinge aquelas montanhas, essas montanhas subtraem a umidade. E é em parte por isso que temos este Grande Deserto da Arábia: porque qualquer umidade que esteja no vento é extraída pelas montanhas. Portanto, o Grande Deserto da Arábia, como vocês podem ver, é um deserto porque também é um terreno elevado e chove muito pouco aqui.

Tenho certeza de que há momentos em que não chove ao longo de um ano. Mas então chegamos ao leste daquela região do Grande Deserto e chegamos à parte oriental do Crescente Fértil, que, como vocês podem ver claramente, são terras agrícolas excepcionais. Falaremos mais sobre isso mais tarde também.

E isso é fértil, não porque chova muito. É fértil porque grande parte desta região, na antiguidade, foi criada por depósitos de inundação. Sabemos disso aqui, em particular no sul.

Portanto, é um solo fértil que foi derrubado e depositado, tal como acontece no Delta da Louisiana. Mesmos fenômenos. E por isso é fértil porque chove um pouco, mas também porque tem vários rios fluindo desta cordilheira para o leste.

Estas são consideravelmente mais altas do que as montanhas do lado ocidental do Crescente Fértil. As montanhas ali a leste, onde está meu cursor, são chamadas de Montanhas Zagros. Alguns de vocês podem reconhecer o termo Zagros na palavra zigurate.

Um zigurate é um edifício alto, assim chamado porque é alto. Zagros significa alto ou alto, e por isso essas montanhas são chamadas de Zagros porque têm 9.000 e 10.000 pés de altura. Bem, veja você, quando você tem montanhas tão altas, então elas extraem qualquer umidade que esteja mais acima na atmosfera, e então essa umidade é extraída, e então desce para a grande planície aluvial da Mesopotâmia e cria, portanto, múltiplas áreas que pode ser cultivada porque a água flui através dela na forma desses rios.

Então, essa é uma topografia da qual falaremos em duas seções diferentes. Começaremos falando sobre a topografia da Mesopotâmia. Vou descrever para você o que é essa topografia.

Descreverei como essa topografia produz história. Falarei com vocês sobre o que essa topografia significa para a produção de alimentos e depois faremos o mesmo com a topografia de Israel, pois também precisamos entender essa topografia corretamente. Então, se eu pudesse manter o cursor aqui neste mapa, caminharei rapidamente de oeste para leste para mostrar rapidamente as zonas antes de começarmos a falar sobre uma zona específica.

Então, o primeiro, claro, é o Mar Mediterrâneo, que, claro, é crucial para a produção de umidade. Assim, a primeira zona terrestre a que chegamos é a planície costeira. A próxima zona a que chegamos é esta cordilheira que vai de norte a sul, desde Aqaba até aqui, até à Turquia.

A terceira zona, como você pode ver, é aquele vale. Eu deveria falar sobre este vale, o Jordan Rift. Não é visível neste mapa em particular, mas este vale estende-se até ao centro da Turquia.

Ele vai até o centro da Turquia. Ele desce assim até o sul. Corre para Aqaba e para o Mar Vermelho, e depois do Mar Vermelho corre para o subsolo, ou seja, no fundo do oceano.

Ele vai até o sul até a África Central. Este vale de que estamos falando é a maior dobra da superfície da Terra. Essa é uma das razões pelas quais lemos tantas vezes

na Bíblia sobre terremotos, porque as placas tectônicas se deslocam e causam esses terremotos.

E assim, este vale, que é relativamente pequeno no mapa, faz parte da maior dobra da superfície da Terra. Eu deveria dizer que não na Terra porque ela está obviamente submersa. Então essa é a fenda.

Então temos esse conjunto de cadeias de montanhas que ficam a leste disso. Depois temos o Grande Deserto da Arábia, que, evidentemente, tem muito pouco valor humano. E depois temos as férteis planícies aluviais da Mesopotâmia.

E depois temos a Grande Cordilheira de Zagros, que separa o Iraque do Irã. O Grande Planalto Iraniano fica a leste das Montanhas Zagros. Portanto, neste mapa, retratamos a topografia da história bíblica no Antigo Testamento.

Bem, na maior parte, porque quando chegamos ao final do Antigo Testamento, os gregos entram em cena. E como você pode ver neste mapa, a Grécia não está lá. Então, tenho outros mapas que posso mostrar a vocês sobre isso, porque no final do Antigo Testamento, o mapa muda para incluir esta região aqui, o oeste da Turquia, e a área que hoje chamamos de Grécia.

Isso se insere na história do Antigo Testamento. Essa é a topografia que gostaríamos de observar hoje, e é isso que este mapa horizontal pretende nos ensinar.

Ok, então acho que o que faremos é fazer uma pausa aqui e, em alguns minutos do nosso tempo aqui, voltaremos e começaremos com uma análise da topografia e da produção de alimentos e coisas assim. como o da Mesopotâmia. Acho que você vai achar tudo isso muito interessante. Raramente ouvimos sermões sobre algo assim porque não é realmente com o texto que estamos lidando tanto quanto com a geografia.

Mas acho que você aprenderá muito se for paciente. OK. Obrigado pela sua atenção.

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução e Geografia da Mesopotâmia Antiga.